

Representação Literária e o “favor” nos contos de Machado de Assis.

Jefferson Pereira da Silva¹

RESUMO

O artigo discorre sobre as concepções de Lukács e Auerbach entre o “narrar ou descrever?”, refletindo, assim, sobre a representação literária. Nele se discute também a questão do “favor”, retratada por Roberto Schwarz, nos contos, “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE

Representação literária; Narração ou descrição?; o “favor”; Machado de Assis.

“Os novos estilos, os novos modos de representar a realidade não surgem jamais de uma dialética imanente das formas artísticas, ainda que se liguem sempre às formas e sentidos do passado. Todo novo estilo surge como uma necessidade histórico-social. Mas o reconhecimento do caráter necessário da formação dos estilos artísticos não implica, de modo algum, que esses estilos tenham todos o mesmo valor e estejam todos num mesmo plano. A necessidade pode ser, também, a necessidade do artisticamente falso, disforme e ruim.” (LUCÁCS, 2010, p. 53)

Ao observar a formação da representação literária realista moderna em Stendhal, Balzac, Flaubert e em Zola, notamos um movimento entre duas perspectivas diferentes, as quais refletem o modo como os escritores retratam suas histórias, pela narração ou pela descrição. Entretanto, percebemos que esta escolha não é tão simples, como aborda George Lukács (2010) em “Narrar ou Descrever?”, e, de certo modo, Auerbach (1976) “Na mansão de La mole” e “Germinie Lacerteux”.

Essa escolha está diretamente ligada à escolha do “participar” ou do “observar”, segundo Lukács (2010, p.53), adotada pelo escritor. Nela reside a concepção ideológica do autor para com a literatura e o seu posicionamento para com a sociedade em que vive.

Lukács e Auerbach mostram em seus livros como o contexto histórico-social influenciou a visão de Balzac, Flaubert, Stendhal e Zola, e como essa escolha na forma de conduzir o texto repercutiu na eficácia estética dessas obras. Embora esses críticos

¹ Graduando em Letras Português pela Universidade de Brasília (UnB)
jefferson_lpu@hotmail.com

tenham visões diferentes sobre a qualidade das obras, reconhecem que o grupo de escritores constituído por Balzac, Stendhal e outros, formado no período em que a sociedade burguesa estava por se consolidar, o qual participou ativamente das mudanças sociais, se diferenciou esteticamente do grupo de escritores composto por Flaubert e Zola, que viveu no período de uma sociedade burguesa já consolidada.

“Balzac, Stendhal, [...] representam a sociedade burguesa que se está consolidando através de graves crises; representam as complexas leis que presidem à formação dela, os múltiplos e tortuosos caminhos que conduzem da velha sociedade em decomposição à nova que está surgindo. [...] A este respeito, eles são, também na sua conduta de vida, os continuadores dos escritores, artistas e sábios do Renascimento e do Iluminismo: são homens que participam ativamente e de vários modos das grandes lutas sociais da época e que se tornam escritores através das experiências de uma vida rica e multiforme. [...]

Flaubert e Zola iniciaram suas atividades depois da batalha de junho, numa sociedade burguesa já cristalizada e constituída. Não participaram mais ativamente da vida desta sociedade; não queriam participar mesmo. Nessa recusa se manifesta a tragédia de uma importante geração de artistas da época de transição, já que a recusa é devida, sobretudo, a uma atitude de oposição, isto é, exprime o ódio, o horror e o desprezo que eles têm pelo regime político e social do seu tempo. Os homens que aceitaram a evolução social desta época tornaram-se estereis e mentirosos apologistas do capitalismo. Flaubert e Zola são demasiado grandes e sinceros para seguir este caminho. Por isso, como solução pra a trágica contradição do estado em que se achavam, só puderam escolher a solidão, tornando-se observadores e críticos da sociedade burguesa.” (LUKÁCS, 2010, p. 52)

Dessa maneira, o primeiro grupo optou por uma forma de representação mais próxima do texto, deixou transparecer o que pensava sobre os personagens e sobre os acontecimentos da narrativa, e, por vezes, conciliou seus pensamentos nas reflexões das próprias personagens, como nos demonstra Auerbach (1976, p. 435). Já o segundo grupo optou pelo distanciamento, pela objetividade: o texto deveria falar por si próprio e não o autor por ele; reside aí a influência sócio-histórica, a resignação do próprio artista perante a sociedade burguesa com a qual ele não quer se identificar.

Entretanto, por mais que o segundo grupo tenha sido induzido a essa objetividade, desenvolvendo-a com toda sensibilidade artística, e, ainda, tenha contribuído com a inovação de diferentes perspectivas, como a inclusão das camadas “mais baixas da sociedade” em sua representação; devemos reconhecer que tal objetividade, mesmo que se trate de uma descrição minuciosa de todos os objetos presentes em um espaço, pode não dar conta da Realidade existente, como nos explica Lukács (2010) em seu “Ensaio sobre literatura”. Tanto que as impressões trazidas por Zola saturaram-se após a continuidade de seus seguidores naturalistas. (AUERBACH, 1976, p.462).

Assim, entramos novamente no questionamento sobre a representação literária, o modo de conduzi-la e sua ligação com o real:

“Se considerarmos realismo as modalidades modernas, que se definiram no século XIX e vieram até nós, veremos que elas tendem a uma fidelidade documentária que privilegia a representação objetiva do momento presente da narrativa. No entanto, mesmo dentro do realismo, os textos de maior alcance procuram algo mais geral, que pode ser a razão oculta sob a aparência dos fatos narrados ou das coisas descritas, e pode ser a lei destes fatos na sequência do tempo. Isso leva a uma conclusão paradoxal: que talvez a realidade se encontre mais em elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas descritas do que neles mesmos. E o realismo, estritamente concebido como representação mimética do mundo, pode não ser o melhor condutor da realidade.” (CANDIDO, 2006, p. 135)

A representação realista destacada no trecho acima é concebida de duas formas distintas: 1ª) a representação que busca não apenas a descrição fiel de um quadro, mas também pretende dar conta das relações contraditórias e que estão por trás dos fatos: suas causas; encontrada no primeiro grupo de escritores (Balzac, Stendhal, ...); 2ª) a representação mimética da realidade, a naturalista, em que temos na obra uma observação objetiva do mundo representado, e conseqüentemente, imediata aos fatos em si, transformando-os em um quadro social; utilizada pelo segundo grupo de escritores (Flaubert, Zola, ...).

Pensar na segunda das concepções é ver na arte literária a observação dos fatos que nos rodeiam sem conseguir enxergar as ligações entre estes no decorrer do tempo. Tal concepção utiliza-se do “acúmulo dos pormenores” (CANDIDO, 2006, p. 140) para validar seus argumentos, amarrando-os entre si, sem se preocupar com a verdadeira “lei” para tais acontecimentos, dando-lhes uma autonomia de significado único. Assim, para esse grupo a arte se distancia da real representação por se concentrar, muitas vezes, no desdobramento do “pormenor”, sendo este capaz de se sobrepor ao todo quando ligado à realidade objetiva dos fatos, personagens e objetos por meio de delongadas descrições. Essa forma de conduzir o texto se demonstra incapaz de refletir a “permanência” estrutural existente nas mudanças temporais. Como Nietzsche (1999) evidencia no seguinte trecho, citado por Lukács (2010):

“A palavra torna-se soberana e salta fora da frase; a frase sai dos seus limites e obscurece o sentido da página, a página adquire vida às expensas do conjunto – e o conjunto não é mais um conjunto. Esta imagem, entretanto, vale apenas para os estilos decadentes. A vivacidade, a vibração e a exuberância da vida se refugiam em estruturas menores, ao passo que o resto fica pobre de vida. O conjunto já não é mais vivo, é um conjunto composto, artificial, um artefato.” (NIETZCHE, 1999 *apud* LUKÁCS, 2010, p. 68)

Assim o próprio Zola declara a sua intenção: “Na minha obra, impera a hipertrofia do particular realista. Do trampolim da observação precisa, parte-se para se alcançar as estrelas. A um único mover de asas, a verdade se eleva a símbolo” (LUKÁCS, 2010, pág. 49).

Já a eficiência do primeiro modelo de representação se constrói na seleção dos argumentos fundamentais, descartam-se as informações desnecessárias, para formação de um texto coerente e **substancialmente profundo**, em que se contrastam os fatos pela mudança temporal e pela mudança do foco narrativo. Dessa forma, essa perspectiva nos possibilita participar da prosa por diversos ângulos, pelos quais podemos formar uma visão totalizadora da realidade e refletir sobre ela; não ficamos presos a uma visão rasa e determinista da sociedade. Podemos assim perceber a “permanência do gênero sob a mudança das coisas, dos atos, das pessoas.” (CÂNDIDO, 2006, p. 142).

Trazendo essa discussão para o cenário sócio-histórico brasileiro do século XIX, nos deparamos com uma representação literária realista diversa da europeia, devido aos influxos de nosso contexto. Roberto Schwarz (1987) aborda em seu livro, “Que horas são?”, as mudanças operadas pelos escritores deste período, mas nem sempre vistas por eles:

“Privados de seu contexto oitocentista europeu e acoplados ao mundo da sociabilidade colonial, os melhoramentos da civilização que importávamos passavam a operar **segundo outra regra**, diversa da consagrada nos países hegemônicos. Daí o sentimento tão difundido de pastiche indigno, a que escapava Machado de Assis, cuja grande imparcialidade permitia ver um modo particular de funcionamento ideológico onde os demais críticos só enxergavam esvaziamento. Em palavras de Sérgio Buarque de Holanda: ‘A presteza com que na antiga colônia chegara a difundir-se a pregação das ‘ideias novas’, e o fervor com que em muitos círculos elas foram abraçadas às vésperas da Independência, mostram de modo inequívoco, a possibilidade que tinham de atender a um desejo insofrido de mudar, à generalizada certeza de que o povo, afinal, se achava amadurecido para a mudança. Mas também é claro que a ordem social expressa por elas estava longe de encontrar aqui o seu equivalente exato, mormente fora dos meios citadinos. Outra era a articulação da sociedade, outros os critérios básicos de exploração econômica e da repartição de privilégios, de sorte que não podiam, essas ideias, ter o sentido que lhes era dado em parte da Europa ou da antiga América inglesa [...]. O resultado é que as fórmulas e palavras são as mesmas, embora fossem diversos o conteúdo e o significado que aqui passavam a assumir’.” (SCHWARZ, 1987, p. 44, grifo nosso)

Como podemos notar, Schwarz e Sérgio Buarque de Holanda discorrem sobre uma “outra regra”, que é criada a partir do contato entre as ideias liberais importadas da Europa e a realidade brasileira. Podemos nos aprofundar a reflexão sobre esta formação, ao ler o capítulo “As ideias fora do lugar” de Roberto Schwarz (2000) em “Ao vencedor

as batatas”, no qual está explicitada a distância entre as ideias liberais e sua prática na vida da sociedade brasileira. Um dos pontos centrais abordados pelo autor para exemplificar esta distância, está no fato de a escravidão desmentir tais ideias importadas, porém ela não só as desmente: as divergências em contato formam um **padrão particular**, ou seja, uma nova atmosfera ao adicionar uma relação existente entre o “homem livre” e o latifundiário de nosso país, relação esta embasada na troca de “favor” (SCHWARZ, 2000, p. 16).

O “favor” provocou a desfiguração do liberalismo em nosso território e ao contrário do que este pregava na Europa, fez-se aqui através da “dependência da pessoa, da exceção à regra, da cultura interessada, da remuneração e dos serviços pessoais.” (SCHWARZ, 2000, p. 17). Assim a realidade brasileira distinguia-se da realidade europeia devido às diferentes formas de relação criadas entre teoria e prática.

A literatura, especialmente em Machado de Assis, absorveu em sua “forma” essa nova maneira em que a sociedade brasileira estrutura seu processo social. Por esse motivo, alguns críticos consideram que a Literatura Brasileira se consolidou apenas em Machado; por ele ter conseguido, através de sua narrativa (estilo que mais atende a função literária), demonstrar as verdadeiras relações nacionais que se formavam, diferenciando-se assim, do realismo europeu e da literatura até então dita nacional. Machado utiliza da imitação (*mimesis*) para demonstrar que a realidade do país também é imitadora e subordinada às relações que mantém com os países hegemônicos, pois nossa realidade deriva das relações herdadas da colonização e do capitalismo, porém de maneira inovadora (brasileira).

Relações “brasileiras” tão bem percebidas e aprofundadas por Machado de Assis, que feito um paralelo com o contexto brasileiro atual, como o filme “Quanto vale ou é por quilo?” (QUANTO ..., 2005), encontramos os reflexos de sua literatura para com a nossa realidade social. E talvez, por isso, Schwarz observe na figura de Machado, um homem de seu tempo e de seu país, remetendo ao texto “Instinto de Nacionalidade” (ASSIS, 1980).

Destaco, ainda, as peculiaridades criadas, dentro do novo sistema nacional, incorporadas na literatura de Machado, em outro texto de Schwarz (1987), “Leituras em competição”, as quais vão ao encontro:

“a) do padrão patriarcal; b) do nosso *mix* de liberalismo, escravidão e clientelismo, com os seus paradoxos estridentes; c) da engrenagem também *sui generis* das classes sociais, inseparável do destino brasileiro

dos africanos; d) das etapas da evolução desse todo; e e) da sua inserção no presente do mundo, que foi e é um problema para o país, e aliás para o mundo.” (SCHWARZ, 1987, p. 64)

Estes pontos reforçam a ideia da nova situação social criada em nosso país, um novo realismo, que encontrou em Machado uma nova forma de criação.

Para verificar como essa forma de criação se consolidou em Machado, farei, a partir de agora, uma análise dos contos “O caso da vara” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000, p. 426) e “Pai contra mãe” (ASSIS, *ibidem*, p. 466) com base no artigo “ ‘Porque dinheiro também dói’: Machado contista e as astúcias mercantis da escravidão ou o modo de ser história da literatura” (CORRÊA et al, 2011).

Esses contos discorrem sobre um assunto em comum: o da escravatura; assunto que permeia as obras de Machado de Assis, não com o intuito objetivo das ciências (ex: sociologia), se utilizando de uma forma naturalista, mas com o de fazer literatura, ou seja, o de contemplar a “totalidade social, com suas profundas relações contraditórias que se intensificam por baixo das simples polarizações imediatas que a consciência administrada pode reconhecer” (CÔRREA et al, 2011). Essa abordagem permite maior liberdade ao autor, que pode criar e “recriar a realidade de acordo com as leis e necessidades do fazer literário, que deliberam constantemente não pela repetição servil da realidade, mas pela sua transfiguração em objeto literário” (CÔRREA et al, *ibidem*); abrindo assim portas para uma diversidade de olhares que vai do real ao imaginário.

Encontramos nos dois contos maneiras diferentes de conduzir o assunto estabelecido. Em “O caso da vara” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000), o autor narra em terceira pessoa apenas uma história ficcional, a qual gira em torno das relações familiares, pois grande parte do enredo se passa dentro da casa de Sinhá Rita, onde o “favor” entre os personagens gera toda a trama. Já em “Pai contra mãe” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000), percebe-se, em seus primeiros parágrafos, uma atmosfera de crônica histórica, a qual será desfeita pelo gênero narrativo nos parágrafos seguintes; o autor consegue internalizar em sua obra os contrastes entre o real e o fictício, entre história e literatura, o que alude à contradição do título (CÔRREA, et al, 2011). Ele internaliza ainda a discussão entre o narrar e o descrever e, assim, a sua concepção de representação literária.

A troca de favores é assunto explorado nos dois contos. A diferença é que em “Pai contra mãe” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000) ocorre num âmbito mais geral, na estrutura social do trabalho, no fato de que Cândido Neves depender da remuneração

oferecida pelo senhor de escravos e no “Caso da vara” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000) ocorre dentro de uma estrutura familiar, a qual não deixa de ser reflexo da realidade social.

Em “O caso da vara” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000), percebemos que João Carneiro contrai uma dívida com Sinhá Rita devido ao empréstimo de algumas “crias”, o que gera para ele a obrigação de livrar o sobrinho, Damião, do seminário. Ou talvez ainda, a dívida tenha sido contraída por motivos afetivos ou amorosos, interpretação deixada por Machado com a introdução do verbo “mascarar” no seguinte trecho: “Ela, para **mascarar** a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro fora amigo do marido e arranjara-lhe algumas crias para ensinar.” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000, p. 428, grifo nosso); e também na carta escrita por ela a João Carneiro em que se evidencia uma possível proximidade pelo diminutivo do nome deste e pela ameaça de não se verem mais: “Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos.” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000, p. 431)

Temos ainda, na figura de Lucrecia, outra problematização, gerada quando Damião contava anedotas à Sinhá Rita, fazendo rir àquela. Em Lucrecia, percebemos a figura de uma criança de onze anos, que sofria torturas, o que se demonstra pelo trecho destacado: “Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, **com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda**” (ASSIS, 2007 *in* GLEDSON, 2000, p. 428, grifo nosso). A ela foi prometida e aplicada uma surra de vara por Sinhá Rita, por um motivo torpe, o de se expressar no momento em que deveria apenas fazer seu trabalho. Damião, que havia decidido intervir para que a surra não acontecesse, não a ajuda, pois colocaria em xeque o merecimento do “favor” concedido pela Sinhá. Nota-se, neste momento, a relação de dependência que o “favor” cria entre quem o recebe para com quem o oferta. Machado demonstra a relação de dependência criada pelo “favor” partindo de um contexto peculiar, o do interior das casas da época, mas não deixa de aludir à situação vigente da época em uma esfera mais ampla, na relação entre o latifundiário e o “homem livre”.

A mesma relação é criada no contexto do capitão do mato (Cândido Neves), a qual se dá em detrimento de sua profissão, a captura de escravos fugidos. Tal relação depende sempre da oferta dos proprietários de escravos. O fato de depender da captura de escravos levava o capitão do mato a corroborar com a manutenção do sistema escravista.

Como Schwarz analisou, o “favor” é quem rege a vida ideológica de nossa sociedade. Machado percebeu isso e demonstrou sua existência através da literatura, criou diversos textos ficcionais para contemplar a realidade brasileira em sua maneira mais totalizadora e demonstrou em histórias específicas como se confeccionaram as relações “brasileiras” em seu tempo, as quais ainda fazem parte de nosso sistema social.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. Instinto de Nacionalidade. In: COUTINHO, Afrânio (org). **Caminhos do Pensamento Crítico**. Rio de Janeiro: Pallas/ MEC, 1980.

_____. O caso da vara. In: GLEDSON, John (org.) **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Pai contra mãe. In: GLEDSON, John (org.) **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AUERBACH, Erich. Na mansão de la Mole. In: _____ **Mimesis**. A Representação da Realidade na Literatura Ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976.

AUERBACH, Erich. Germinie Lacerteux. In: _____ **Mimesis**. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BIANCHI, Sérgio. Quanto vale ou é por quilo? Filme, 108min. Grama. Brasil: Riofilme, 2005.

CANDIDO, Antonio. “Realidade e realismo (via Marcel Proust)”. In: *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis, COSTA, D. M. F. C. E., PILATI, A. “O modo de ser história da obra literária: ‘Porque dinheiro também dói’ - Machado contista e as astúcias mercantis da escravidão”. In: **Teoria e prática da crítica literária dialética**. 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever? In: _____ **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: _____ **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. Nacional por subtração. In: _____ **Que horas são?** São Paulo: Companhia das letras, 1987.

_____. Leituras em competição. In: _____ **Que horas são?** São Paulo: Companhia das letras, 1987.